Hinos de Futebol em Portugal e no Brasil: dos hinos marciais aos populares[1]

Elcio Loureiro Cornelsen
Faculdade de Letras, UFMG – Brasil
Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq
Coordenador do FULIA – Núcleo de Estudos sobre
Futebol, Linguagem e Artes

Resumo: Nossa contribuição visa à análise comparativa das letras de alguns hinos de clubes de futebol de Portugal e do Brasil à luz da fase de transição dos hinos marciais das primeiras décadas do século XX para os hinos populares a partir da década de 1940. Para isso, elegemos as letras dos hinos do Sport Lisboa e Benfica e do Futebol Clube do Porto, de Portugal e, respectivamente, do Sport Clube Corinthians Paulista e do Fluminense Sport Club, do Brasil para comporem o *corpus* de análise.

Palavras-chave: futebol e poesia; futebol e música; hinos de clubes; futebol e discurso.

1. Introdução

Nossa contribuição visa à análise comparativa das letras de alguns hinos de clubes de futebol de Portugal e do Brasil à luz da fase de transição dos hinos marciais das primeiras décadas do século XX para os hinos populares a partir da década de 1940.

A partir de um olhar transdisciplinar, pensamos a relação entre literatura, música e futebol através da análise das letras de hinos, tomando por base seus elementos líricos (forma; estrofação; metrificação; rima), épicos (cena enunciativa; espacialização; feitos heróicos e conquistas e/ou virtudes; identidade simbólica) e dramáticos (afetividade; apelo à fidelidade; emoção; louvor).

Para isso, elegemos as letras dos hinos do Sport Lisboa e Benfica (1929 e 1953) e do Futebol Clube do Porto (1922 e década de 1950), de Portugal e, respectivamente,

[1] O presente artigo resulta de pesquisa apresentada em forma de pôster durante o XIV. Congresso Internacional Ciências do Desporto e Educação Física dos Países de Língua Portuguesa, realizado de 02 a 04 de abril de 2012, no Minas Centro, em Belo Horizonte, e, respectivamente, em 05 de abril na UFOP, em Ouro Preto.

do Sport Clube Corinthians Paulista (1930 e 1952) e do Fluminense Sport Club (1915, 1920 e década de 1940), do Brasil para comporem o *corpus* de análise.

Em termos teóricos, fundamentamos nossa análise a partir das reflexões propostas por Anatol Rosenfeld (1965, p. 3-26) ao discutir os gêneros literários de acordo com sua adjetivação, ou seja, como elementos épicos, líricos e dramáticos que podem estar presentes, simultaneamente, numa dada obra ou texto.

Por sua vez, baseados nos resultados de outro estudo realizado em 2009 (CORNELSEN, 2009), desenvolvemos um modelo de análise formado por categorias correspondentes para cada um dos respectivos elementos:

a) elementos líricos

Primeiramente, todo texto poético pode ser analisado em seus aspectos formais, desde a forma rígida do poema (não tão comum em letras de hinos de clubes de futebol), a estrofação, a metrificação, e o tipo de rima empregado.

b) elementos épicos

Trata-se do grupo de elementos que estruturam a narrativa (o modo de se enunciar) e possibilitam a construção de uma imagem heroica do clube, seja a partir de aspectos simbólicos (menção às cores, ao distintivo, às designações etc.), seja a partir de referências espaciais (caráter local, nacional, internacional), ou mesmo por menções a feitos heroicos e conquistas ou virtudes que se atribui ao clube.

c) elementos dramáticos

Por fim, o terceiro grupo é mais comumente encontrado em letras de hinos populares, pois diz respeito ao emprego de terminologia que marca a afetividade, o apelo à fidelidade, a emoção e o louvor em relação ao clube.

A seguir, detalharemos esses aspectos, baseando-nos na relação entre literatura, música e futebol.

2. Literatura, Música e Futebol: os hinos desportivos

Desde o início, a composição de hinos para as agremiações de futebol ampliaram, significativamente, o encontro entre música e futebol, integrando a literatura, mais especificamente a arte poética. Pois o hino é uma criação mista, produzida por um discurso lítero-musical e, como tal, marcada pela inclusão simultânea do elemento musical e do verbal.

Por definição, hino (do grego: ὕμνος *hymnos*, "estrutura sonora") é uma composição poético-musical de louvor ou exaltação. O hino é expressão de entusiasmo elevado, originalmente, um poema ou cântico de veneração ou louvor à divindade, portanto, de cunho religioso, escrito especificamente para louvor ou adoração tipicamente endereçado a deuses e heróis (BILAC; PASSOS, 1930, p. 110).

Na Antiguidade, o hino era uma canção de enaltecimento, cantada em cerimônias ao som de cítara ou de outros instrumentos musicais, e se destinava à veneração de deuses, de heróis ou da própria natureza. Era encontrado em várias culturas, como a egípcia, a romana e a grega, nos hinos de devoção a Dionysos. Na Bíblia também se encontram hinos, como, por exemplo, no Livro dos Salmos. Uma modalidade de hino presente na Antiguidade era o "epinício", dedicado ao vencedor de disputas atléticas, como, por exemplo, os Jogos Olímpicos: "um coro, composto por seus amigos e coetâneos, após a realização dos imprescindíveis sacrifícios aos deuses, cantava, acompanhado pelo som da flauta e da lira, o epinício (a canção da vitória), escrito e musicado por um poeta famoso" (KAKRIDIS; ANDRÓNIKUS, 2004, p. 159). E não se tratava de uma mera canção de ocasião. Em geral, ela era divulgada pelo mundo helênico, como ocorrera, por exemplo, com a ode dedicada pelo poeta Píndaro a Píteas, jovem atleta de Egina que conquistara a vitória no pancrácio – misto de luta e pugilismo –, nos jogos de Neméia, em 485 a.C. (KAKIDRIS; ANDRÓNIKUS, 2004, p. 159).

Por sua vez, na Idade Média o hino tornou-se uma forma de canção religiosa coesa e composta de várias estrofes. Tal forma é empregada até hoje no Canto Gregoriano e em canções da liturgia cristã.

Já na Idade Moderna, o hino deixou de ser uma forma de composição musical exclusiva do âmbito religioso. Surge, então, o hino nacional (de devoção à nação ou à pátria), o hino partidário (de devoção a um partido político), o hino de organizações em geral e o hino desportivo (de devoção a um clube ou agremiação). De acordo com Olavo Bilac e Guimaraens Passos, num sentido contemporâneo, "[r]igorosamente, dá-se hoje o nome de *hymno* a uma composição poética, acompanhada ou não de música, em que se exalta alguém, ou se celebra algum acontecimento, e com que se excitam os ânimos por uma entoação forte e elevada" (BILAC; PASSOS, 1930, p. 111), e o hino seria uma forma da poesia lírica que, muitas vezes, se confundiria com outras duas formas, mais precisamente os cânticos e os salmos (BILAC; PASSOS, 1930, p. 110).

Todavia, é nas letras dos hinos dos clubes que a literatura se aliará em essência ao futebol e à música, como ocorrera na aliança entre esporte e arte, na Antiguidade. Pois as letras de hinos, muitas vezes, apresentam um grau de sofisticação em termos de elaboração, não obstante o fato do caráter popular que marca o futebol enquanto fenômeno cultural de massa. Para efeito de análise, adotamos o sentido "adjetivo" dos gêneros de acordo com traços estilísticos líricos, épicos e dramáticos (ROSENFELD, 1965, p. 7-8). Em termos de forma em letras de hinos de futebol, embora raros, podemos encontrar sonetos e rondós, e a estrofação pode apresentar também variações, como quartetos, tercetos e dísticos, e sempre um refrão. A versificação varia entre isométrica (todos os versos de uma estrofe seguem uma regularidade métrica), parcialmente isométrica (alguns versos de uma estrofe seguem uma regularidade métrica), e heterométrica (os versos de uma mesma estrofe não seguem uma regularidade métrica). Os versos podem se constituir metricamente de modo uniforme como redondilhas menores, redondilhas maiores, eneassílabos, decassílabos etc., ou mesmo serem marcados por uma variação métrica irregular com versos polimétricos, fato que pode ocorrer também com a disposição e o grau de regularidade de rimas (rimas cruzadas, rimas emparelhadas, rimas interpoladas, rima completa, rima incompleta, rima perfeita, versos brancos etc.).

Por sua vez, o estudo literário das letras de hinos de futebol nos possibilita a avaliação de seus componentes épicos. Num estudo prévio que elaboramos em 2009, por ocasião de uma entrevista dentro do programa esportivo *Meio de Campo*, da Rede Minas,[2] constatamos que o aspecto épico dos hinos de futebol se constitui, basicamente, a partir de quatro componentes: (1) a cena narrativa; (2) a espacialização; (3) feitos heróicos e conquistas e/ou virtudes; (4) identidade simbólica. A cena narrativa diz respeito ao modo como a instância lírica se apresenta, ora como um "eu" que evidencia um caráter individual, ora como um "nós" que apela ao coletivo da torcida no sentido de pertencimento, ou mesmo como um "tu", dirigido ao clube como objeto de devoção e louvor, o que gera um efeito de proximidade e intimidade. Já a espacialização, marcada textualmente, e pensada aqui na junção entre espaço e ação no devir, dimensiona o caráter identitário de um determinado clube em relação ao espaço e pode variar desde o âmbito local, passando pelo estadual e o nacional e, mais raramente, chegando ao internacional, uma vez que, como apontado anteriormente, os hinos de clubes brasileiros foram compostos, sobretudo, entre as décadas de 1940 e 1970, período em que o futebol ainda não conhecia o grau de globalização dos nossos dias. Em alguns casos específicos, na atualidade, tal fato pode gerar até mesmo reivindicações de torcedores para a mudança da letra do hino de seu clube do coração, por considerarem-na ultrapassada frente a possíveis conquistas recentes. Feitos heróicos e conquistas e/ou virtudes também se constituem como traços característicos das letras dos hinos de clubes brasileiros, evidenciando o seu caráter épico, e são pautados, principalmente, pelo emprego de superlativos, como "o maior", "o melhor", "o mais ..." etc. Por fim, a identidade simbólica se constrói nas letras de hinos de futebol através de diversas

---

[2] Trata-se do estudo intitulado "Hinos de futebol – aspectos épicos e dramáticos", elaborado a partir da análise das letras de hinos de 13 clubes brasileiros: América, Botafogo, Flamengo, Fluminense, Vasco da Gama, Corinthians, Palmeiras, Santos, São Paulo, Atlético Mineiro, Cruzeiro, Grêmio e Internacional. A partir da análise das letras, pudemos delimitar as categorias que constituem o aspecto épico (cena narrativa; espacialização; feitos heróicos e conquistas e/ou virtudes; identidade simbólica) e o aspecto dramático (afetividade; apelo à fidelidade; emoção; louvor), recorrentes na maioria dos casos.

marcações textuais, seja as cores de determinada agremiação, seja o seu distintivo, bandeira ou mascote, que juntamente com o hino formam o conjunto principal dos símbolos de um clube.

Em termos transdisciplinares, no intuito de delimitar com maior propriedade essas categorias que compõem o elemento épico, devemos atentar para "o funcionamento simbólico e ritualístico do futebol", "a natureza mítica do futebol", a "dramatização mítica", a "linguagem simbólica", "o futebol como liturgia do universo", e, enfim, "o futebol como epopéia do humano", aspectos esses destacados por António da Silva Costa em seu estudo intitulado "Do futebol a uma nova imagem do homem e da sociedade" (COSTA, 2005, p. 13-26), fundamentado por noções oriundas da Sociologia e da Antropologia.

Além do enfoque do caráter épico, eminentemente narrativo, o estudo literário das letras de hinos de futebol nos permite também avaliar seus componentes dramáticos, que visam à mobilização do torcedor, tornando-se atuante no ato próprio do jogo, como bem ressalta Anatol Rosenfeld:

> O verbo "torcer" significa "virar, dobrar, encaracolar, entortar" etc. O substantivo "torcedor" designa, portanto, a condição daquele que, fazendo figa por um time, torce quase todos os membros, na apaixonada esperança de sua vitória. Com isso reproduz-se muito plasticamente a participação do espectador que "co-atua" motoramente, de forma intensa, como se pudesse contribuir, com sua conduta aflita, para o sucesso de sua equipe, o que ele, enquanto "torcida" – como massa de fanáticos que berram –, realmente faz. (ROSENFELD, 2007, p. 94)

De modo semelhante ao aspecto épico, o aspecto dramático dos hinos de futebol se constitui, basicamente, a partir de quatro componentes: (1) a afetividade; (2) o apelo à fidelidade; (3) a emoção; (4) o louvor. Todos esses componentes se expressam textualmente. A afetividade é marcada por termos como "coração", "amado", "querido", "amor" etc. Já o apelo à fidelidade remete à ligação inconteste

entre torcedor e clube, marcada textualmente por expressões como "sempre" ou "até morrer". Por sua vez, a emoção se pauta justamente por palavras que evidenciam textualmente o seu caráter, como é o caso dos termos "emoções", "prazer", "feliz", "vibrar" etc. Finalmente, expressões de louvor emprestam ao hino um caráter dramático de devoção, como se o clube assumisse o lugar de objeto de veneração e culto, como, por exemplo, "salve", "glória", "exaltar" etc.

Portanto, de modo visceral, a colaboração da literatura para o âmbito do futebol passa também pelo caráter ritualístico que este adquire ao longo de sua história. Pois os poemas musicados em forma de hinos de louvor e exaltação são partes constituintes dos rituais, cujas raízes, como aponta António da Silva Costa, estão atreladas "ao universo dos mitos e à religião" (COSTA, 2005, p. 14), e que podem ser encontrados desde a Antiguidade.

A seguir, efetuaremos a analise das letras de hinos de clubes de futebol de Portugal e do Brasil, aplicando, para isso, os conceitos e ferramentas de análise expostos anteriormente.

3. Hinos de Clubes de Futebol de Portugal e do Brasil

3.1. O Sport Lisboa e Benfica e seus hinos

Fundado em 1904, o Sport Lisboa e Benfica possui dois hinos. O primeiro hino oficial, com letra de Félix Bermudes e música de Alves Coelho, data de 1929:

> Todos por um! Eis a divisa,
> Do velho Clube Campeão,
> Que um nobre esforço imortaliza,
> Em gloriosa tradição.
>
> Olhando altivo o seu passado,
> Pode ter fé no seu futuro.

Pois conservou imaculado
Um ideal sincero e puro.

REFRÃO

Avante, avante p'lo Benfica,
Que uma aura triunfante Glorifica!
E vós, ó rapazes, com fogo sagrado,
Honrai agora os ases
Que nos honraram o passado!

Olhemos fitos essa Águia altiva,
Essa Águia heráldica e suprema,
Padrão da raça ardente e viva,
Erguendo ao alto o nosso emblema!

Com sacrifício e devoção
Com decisão serena e calma,
Dêmos-lhe o nosso coração!
Dêmos-lhe a fé, a alma![3]

O compositor dessa letra, Félix Bermudês, foi presidente do Sport Lisboa e Benfica nos períodos de 1916 a 1917, 1930 a 1931 e, respectivamente, 1945. Ao analisá-la, constatamos que, quanto aos elementos líricos, a letra se compõe de cinco estrofes, sendo quatro quadras e uma quintilha, justamente o refrão, com predomínio de versos octossílabos isométricos ou parcialmente isométricos. Além disso, predominam as rimas cruzadas nas quatro quadras. Embora a forma da letra não seja marcada (se não fosse pela quintilha, ela teria uma forma de rondó), constata-se certa rigidez na composição formal da letra, traço característico dos primeiros hinos de clubes de futebol, em geral, de caráter marcial.

Por sua vez, ao analisarmos a letra, considerando seus elementos épicos, constatamos que a construção da cena narrativa varia da 3ª pessoa do singular – "Do velho Clube Campeão, / Que um nobre esforço imortaliza,"; "Pois conservou imaculado / Um ideal sincero e puro." – para a 1ª pessoa do plural – "Olhemos fitos

[3] Disponível em: http://universobenfiquista.blogspot.com/2010/03/o-hino-do-benfica-censurado-pelo-regime.html; acesso em: 20 de novembro de 2011.

essa Águia altiva,"; "Dêmos-lhe o nosso coração! / Dêmos-lhe a fé, a alma!"; como índice pronominal: "Que nos honraram o passado!"; "Erguendo ao alto o nosso emblema!", e também na 2ª pessoal do plural – "E vós, ó rapazes, com fogo sagrado, / Honrai agora os ases" – e, finalmente, na 3ª pessoa do plural – "Honrai agora os ases / Que nos honraram o passado!". Enquanto a 1ª pessoa do singular destaca o clube, 1ª pessoa do plural enfatiza o pertencimento e o sentido de comunidade dos Benfiquistas. Já a 2ª pessoa do plural possibilita a conclamação da torcida enquanto interlocutor, e a 3ª pessoa do plural releva o papel dos craques do passado.

Na construção da cena narrativa, constata-se a ausência do emprego de 1ª pessoa do singular. Com isso, não há o investimento num eu-lírico, que transmita sua subjetividade diante do clube. Esse é um aspecto comum nos primeiros hinos de caráter marcial, pois a ênfase recai sobre a combatividade e não à afetividade.

Além disso, com relação aos demais elementos épicos, constata-se a ausência de espacialização, sem referência ao âmbito em que o clube atua, mas as virtudes do clube são enaltecidas: nobreza, imortalidade, tradição, altivez, triunfo, honradez, supremacia. Não há marcação explícita de conquistas, e apenas o verso "Do velho Clube Campeão". Em geral, os primeiros hinos exploram justamente as virtudes, sempre atemporais, e não eventos específicos. Mas a identidade simbólica se faz presente na letra do hino composto por Félix Bermudês através dos versos "Olhemos fitos essa Águia altiva, / Essa Águia heráldica e suprema", numa menção ao escudo do Benfica.

Por sua vez, os elementos dramáticos, cuja função é apelar para a mobilização do torcedor são marcados textualmente quanto à afetividade – "Dêmos-lhe o nosso coração! / Dêmos-lhe a fé, a alma!" – e à emoção "Com sacrifício e devoção / Com decisão serena e calma". Embora se trate da projeção de um sujeito coletivo, há a construção de uma relação de afeto e devoção ao clube do coração. Porém, a letra não contém elementos dramáticos de apelo à fidelidade ou mesmo de louvor.

Todavia, o primeiro hino oficial do Sport Lisboa e Benfica foi proibido em 1942, durante a ditadura de Salazar, segundo consta, pela conotação comunista da

palavra "avante" no primeiro verso do refrão do hino.[4] Levou algum tempo, até que, em 1953, foi criado o segundo hino oficial com o tema "Ser Benfiquista", com letra e música de Paulino Gomes Junior:

Sou do Benfica
E isso me envaidece
Tenho a genica
Que a qualquer engrandece
Sou de um clube lutador
Que na luta com fervor
Nunca encontrou rival
Neste nosso Portugal.

(Refrão)

Ser Benfiquista
É ter na alma a chama imensa
Que nos conquista
E leva à palma a luz intensa
Do sol que lá no céu
Risonho vem beijar
Com orgulho muito seu
As camisolas berrantes
Que nos campos a vibrar
São papoilas saltitantes.[5]

Em termos formais, quanto aos aspectos líricos, constata-se que essa letra não possui forma marcada, sendo composta por duas estrofes, uma oitava com versos parcialmente isométricos e uma décima (refrão), também com versos parcialmente isométricos, que variam entre o tetrassílabo, o hexassílabo e a redondilha maior. além disso, predominam as rimas cruzadas (versos 1-4 da 1ª estrofe e 1-4 e 8-10 da 2ª estrofe) e de paralelas (versos 5-8 da 1ª estrofe). Portanto, se comparado com o

[4] Disponível em: http://universobenfiquista.blogspot.com/2010/03/o-hino-do-benfica-censurado-pelo-regime.html; acesso em: 20 de novembro de 2011.
[5] Disponível em: http://universobenfiquista.blogspot.com/2010/03/o-hino-do-benfica-censurado-pelo-regime.html; acesso em: 20 de novembro de 2011.

primeiro hino oficial, o segundo hino ainda apresenta alguns traços formais, porém em menor grau do que o hino anterior.

Antes de prosseguirmos com a análise do segundo hino oficial do Benfica, devemos ressaltar que sua criação deveu-se à proibição do primeiro hino pelo regime ditatorial e, portanto, não tem a ver diretamente com um gesto de popularização dos antigos hinos marciais, como geralmente se constata. Entretanto, constata-se que há uma mudança significativa em termos de menor apego a questões formais, o que é comum também em letras de hinos de caráter popular.

Retomando a análise da letra do segundo hino oficial do Benfica, especificamente em seus elementos épicos, constatamos uma variação da 1ª pessoa do singular – "Sou do Benfica / E isso me envaidece"; "Tenho a genica"; "Sou de um clube lutador" –, passando para a 3ª pessoa do singular – "Nunca encontrou rival" (o clube) –, e apresentando também versos na 3ª pessoa do plural – "As camisolas berrantes / Que nos campos a vibrar / São papoilas saltitantes." – e na 1ª pessoa do plural enquanto índice pronominal – "Neste nosso Portugal"; "Que nos conquista". Se a letra do primeiro hino oficial apresentava a 1ª pessoa do plural como predominante, a letra do segundo hino oficial enfatiza a 1ª pessoa do singular, numa mudança significativa, pois o enfoque é o torcedor enquanto indivíduo e sua relação com o clube.

Quanto aos demais elementos épicos, a referida letra apresenta índices de espacialização, seja do âmbito nacional (Portugal), seja do âmbito local (campos), aspecto esse ausente na letra do hino anterior. Além disso, não são marcados feitos heroicos na letra do hino, e sim apenas as virtudes: luta, fervor, orgulho, vibração. Já a identidade simbólica ganha peso maior com referência a designações, ao uniforme e à alcunha atribuída ao clube: "Eu sou do Benfica"; "Ser Benfiquista" (nome; designação); "As camisolas berrantes / [...] São papoilas saltitantes" (uniforme; alcunha).

Por sua vez, constata-se também uma mudança com relação aos aspectos dramáticos em relação ao primeiro hino oficial. A afetividade é marcada pelo verso

"Risonho vem beijar", havendo também apelo à fidelidade do torcedor nos versos "Sou do Benfica"; "Ser Benfiquista". Embora o louvor, enquanto marca textual, esteja ausente na letra, o fato de a ênfase da cena narrativa recair sobre a 1ª pessoa do singular faz com que a emoção também seja marcada nos versos "E isso me envaidece"; "Que na luta com fervor"; "É ter na alma a chama imensa".

Há, portanto, mudanças significativas no segundo hino, que tende mais para o caráter popular: a ênfase na 1ª pessoa do singular, a marcação da espacialização, e um maior número de aspectos que marcam a identidade simbólica, além de marcações textuais emotivas.

3.2. O Futebol Clube do Porto e seus hinos

Fundado em 1893, o Futebol Clube do Porto também possui um hino e uma marcha. O hino oficial, com letra do escritor e dramaturgo Heitor Campos Monteiro e música de António Figueiredo e Melo, foi composto em 1922:

Oh meu Porto onde a eterna mocidade
Diz à gente o que é ser nobre e leal
Teu pendão leva o escudo da cidade
Que na história deu o nome a Portugal

Oh campeão, o teu passado
É um livro de honra de vitórias sem igual
O teu brasão abençoado
Tem no teu Porto mais um arco triunfal
Porto, Porto, Porto, Porto
Porto, Porto, Porto, Porto
Porto, Porto

Quando alguém se atrever a sufocar
O grito audaz da tua ardente voz
Oh, Oh, Porto, então verás vibrar
A multidão num grito só de todos nós

Oh campeão, o teu passado

É um livro de honra de vitórias sem igual
O teu brasão abençoado
Tem no teu Porto mais um arco triunfal
Porto, Porto, Porto, Porto
Porto, Porto, Porto, Porto
Porto, Porto [6]

Em termos formais, a letra do hino oficial do Futebol Clube do Porto não apresenta forma marcada e contem três estrofes, sendo dois quartetos e uma septilha. Os quartetos possuem versos parcialmente isométricos, enquanto a septilha se compõe de versos isométricos. Em termos de metrificação, predomina o hendecassílabo, e as rimas são cruzadas. Constata-se, portanto, certa rigidez em questões formais.

Por sua vez, a cena narrativa constitui-se a partir de diversas vozes, a começar pela 1ª pessoa do singular enquanto índice pronominal – "Oh, meu Porto, onde a eterna mocidade" –, passando para a 2ª pessoa do singular também enquanto índice pronominal – "Teu pendão leva o escudo da cidade"; "O teu brasão abençoado / Tem no teu Porto mais um arco triunfal"; "O grito audaz da tua ardente voz" –, e culminando com a 3ª pessoa do singular – "Teu pendão leva o escudo da cidade" – e com a 1ª pessoa do plural enquanto índice pronominal – "A multidão num grito só de todos nós". Se a 1ª pessoa do singular instaura o torcedor como indivíduo, e a 2ª pessoa do singular instaura um índice dialógico entre torcedor e clube, a 3ª pessoa do singular possibilita a narração sobre o clube, e a 1ª pessoa do plural enfatiza o caráter de pertencimento à comunidade de torcedores do Porto.

Com relação aos demais elementos épicos, constata-se que a letra contém índices de espacialização nos versos "Teu pendão leva o escudo da cidade / Que na história deu o nome a Portugal", estabelecendo uma relação entre o âmbito local (cidade) e nacional (Portugal). Embora os feitos heroicos e as conquistas não sejam textualmente marcados, a letra apresenta um leque de virtudes: juventude, nobreza,

---

[6] Disponível em: http://www.primeiraliga.com/pl/archive/index.php?t-5638.html; acesso: 20 de novembro de 2011.

lealdade, honradez, triunfo, audácia, vibração. E a identidade simbólica é amplamente explorada em termos textuais: desde o escudo – "Teu pendão leva o escudo da cidade / Que na história deu o nome a Portugal." e "O teu brasão abençoado / Tem no teu Porto mais um arco triunfal" –, até a designação – "Oh, meu Porto, onde a eterna mocidade"; "Porto, Porto, Porto, Porto / Porto, Porto, Porto, Porto / Porto, Porto"; "Oh, Oh, Porto, então verás vibrar".

Com relação aos aspectos dramáticos, constata-se a ausência de termos que marcam o apelo à fidelidade. Todavia, os demais elementos dramáticos são evidentes no texto, como a afetividade – "Oh, meu Porto, onde a eterna mocidade" –, a emoção – "Quando alguém se atrever a sufocar / O grito audaz da tua ardente voz / Oh, Oh, Porto, então verás vibrar / A multidão num grito só de todos nós" – e o louvor – "Oh, meu Porto, onde a eterna mocidade"; "Oh, campeão, o teu passado"; "Porto, Porto, Porto, Porto / Porto, Porto, Porto, Porto / Porto, Porto"; "Oh, Oh, Porto, então verás vibrar".

Portanto, o hino oficial do Futebol Clube do Porto contém alguns aspectos que não são típicos dos hinos marciais, como, por exemplo, a enunciação da 1ª pessoa do singular enquanto índice pronominal, ou mesmo a afetividade e a emoção em termos dramáticos. Além disso, a letra revelou sua riqueza quanto a seus elementos épicos.

Ainda hoje, o hino oficial do Futebol Clube do Porto, como não poderia deixar de ser, é tocado em eventos especiais do clube, ou mesmo quando a equipe entra em campo nas partidas disputadas em sua casa, no Estádio do Dragão.

Todavia, essa não é a única canção dedicada ao clube. Há também a marcha do Futebol Clube do Porto, que também desfruta do *status* de segundo hino:

> Cantemos com voz sonora a toda a hora
> Pois somos Portistas e sempre bairristas
> Pelo nosso Porto
> Gritamos com todo o ardor o nosso amor
> Levamos o estandarte e em qualquer parte
> Do nosso Porto
>
> Porto, Porto, Porto
> És a nossa glória

Dá-nos neste dia
Mais uma alegria
Mais uma vitória
Porto, Porto, Porto
És a nossa glória
Dá-nos neste dia
Mais uma alegria
Mais uma vitória

É tão nobre a tua história a tua memória
Gritemos sem cessar p'ra te ajudar
Ai ao nosso Porto
O teu passado brilhante nunca distante
Em nós está presente e eternamente
Ao nosso Porto

Porto, Porto, Porto
És a nossa glória
Dá-nos neste dia
Mais uma alegria
Mais uma vitória
Porto, Porto, Porto
És a nossa glória
Dá-nos neste dia
Mais uma alegria
Mais uma vitória [7]

Em nossa pesquisa, infelizmente, não nos foi possível identificar a autoria da Marcha do Futebol Clube do Porto. Deduz-se, entretanto, que se trata de música dos anos 1950, que, assim como o hino, em sua versão gravada conta com a interpretação magistral da cantora Maria Amélia Canossa. Aparentemente, a necessidade de criação da marcha foi gerada por mera mudança de ordem estética.

Com relação a aspectos formais, a letra da marcha não apresenta forma marcada e contém três estrofes, sendo duas sextilhas com versos parcialmente isométricos e 01 décima (refrão) composta por versos isométricos. Há o predomínio de versos hendecassílabos, e as rimas não seguem um formato de tipos de versos,

[7] Disponível em: http://www.primeiraliga.com/pl/archive/index.php?t-5638.html; acesso: 20 de novembro de 2011.

havendo paridade de estrutura de rimas entre a 2ª e a 3ª estrofes. Há, portanto, certa formalidade quanto aos aspectos poéticos que compõem a letra da marcha.

Por sua vez, com relação aos aspectos épicos, a letra da marcha do Futebol Clube do Porto apresenta diversidade de enunciação, passando da 2ª pessoa do singular – "Porto, Porto, Porto / És a nossa glória / Dá-nos neste dia / Mais uma alegria", e também como índice pronominal: "É tão nobre a tua história a tua memória"; "O teu passado brilhante nunca distante" – para a 3ª pessoa do singular – "É tão nobre a tua história a tua memória"; "O teu passado brilhante nunca distante" –, e culminando com a 1ª pessoa do plural – "Cantemos com voz sonora a toda a hora / Pois somos Portistas e sempre bairristas / Pelo nosso Porto / Gritamos com todo o ardor o nosso amor / Levamos o estandarte e em qualquer parte / Do nosso Porto". Enquanto a 2ª pessoa do singular estabelece um índice dialógico entre torcida e clube, a 3ª pessoa do singular possibilita o relato sobre o clube, e a 1ª pessoa do plural enfatiza o sentimento de pertencimento à coletividade de torcedores do Porto. Portanto, há aspectos na letra da marcha que são típicos dos hinos marciais quando se trata da cena narrativa, pois não há, por exemplo, o investimento na 1ª pessoa do singular, típica das letras de hinos populares.

Com relação aos demais elementos épicos, constata-se a presença de um índice de espacialização local (Porto), além do elenco de virtudes: glória, nobreza, tradição, bem como de versos que marcam a identidade simbólica através da designação: "Pois somos Portistas e sempre bairristas / Pelo nosso Porto".

Já em termos dramáticos, apenas o louvor não é marcado textualmente. Constata-se a marca de afetividade no verso "Gritamos com todo o ardor o nosso amor", e o apelo à afetividade se faz presente no verso "Levamos o estandarte e em qualquer parte". A emoção também encontra expressão nos versos "Cantemos com voz sonora a toda a hora"; "Mais uma alegria"; "Gritemos sem cessar p'ra te ajudar".

A partir de nossa análise, podemos deduzir que a letra da marcha do Futebol Clube do Porto apresenta tanto elementos marciais (emprego de 1ª pessoa do plural) quanto de elementos populares (a marcação de afetividade e de emoção).

3.3. O Sport Club Corinthians Paulista e seus dois hinos

Passando para os clubes brasileiros, iniciaremos nossa análise com o primeiro hino oficial do Sport Club Corinthians Paulista, um dos clubes mais populares do país, fundado em 1910 na cidade de São Paulo. Com letra de Eduardo Dohmen e música do compositor La Rosa Sobrinho, o hino foi criado em 1930 e gravado pela dupla Guarani e Pirajá:

> Lutar… Lutar…
> É nosso lema sempre, para a glória.
> Jogar… Jogar…
> E conquistar os louros da vitória.
> E proclamar nosso pendão.
> É alvinegro e sempre há de brilhar.
>
> Lutar, viril
> Para a grandeza e glória do Brasil.
>
> CORINTHIANS… CORINTHIANS…
>
> A glória será teu repouso
> E nós unidos sempre…
> elevaremos teu nome glorioso.[8]

Em termos formais, a letra do primeiro hino oficial do Corinthians não apresenta forma marcada e contém quatro estrofes bem diversificadas: uma sextilha com versos parcialmente isométricos; um dístico com versos heterométricos; um monóstico; um terceto com versos heterométricos. Embora marcadamente heterométricos, constata-se que há predominância de quartetos e decassílabos, Predomínio de rimas cruzadas na 1ª e 4ª estrofes, e rimas paralelas na 2ª estrofe.

Com relação aos elementos épicos, na constituição da cena narrativa constata-se uma variação da 3ª pessoa do singular – "É alvinegro e sempre há de brilhar" –

[8] Disponível em: http://hinodocorinthians.com/; acesso em: 25 Mar. 2012.

para a 1ª pessoa do plural – "elevaremos teu nome glorioso" – e para a 2ª pessoa do singular enquanto índice pronominal – "A glória será teu repouso". Com a 3ª pessoa do singular, narra-se sobre o clube. Já a 2ª pessoa do singular possibilita a criação de uma instância dialógica entre torcida e clube, e a 1ª pessoa do plural enfatiza o caráter de pertencimento à comunidade de torcedores do Corinthians. Portanto, não há a enunciação em 1ª pessoa do singular, típica de letras de hinos populares.

Já os demais elementos épicos são textualmente marcados. O índice de espacialização indica o âmbito nacional (Brasil), e as virtudes são destacadas: Luta, conquista, virilidade, grandeza. glória, união. A identidade simbólica também é explorada nos versos "E proclamar nosso pendão. / É alvinegro e sempre há de brilhar", e também no monóstico que se constitui da designação do clube: "CORINTHIANS… CORINTHIANS…"

Por sua vez, a letra do primeiro hino oficial do Sport Club Corinthians Paulista não apresenta qualquer marcação de aspectos dramáticos. Talvez tenha sido esse fator que, anos mais tarde, levaria à composição de um novo hino para o clube.

O segundo hino oficial do Corinthians, mais conhecido e executado nos nossos dias do que o primeiro hino, foi criado em 1952 e apresenta letra e música do radialista Lauro D'ávila. Aparentemente, a criação de novo hino oficial para o clube tornou-se necessária por mera mudança de ordem estética, por exemplo, com a inclusão de feitos heroicos no texto da letra:

Salve o Corinthians
O campeão dos campeões
Eternamente dentro dos nossos corações

Salve o Corinthians
De tradições e glórias mil
Tu és o orgulho dos desportistas do Brasil

Teu passado é uma bandeira
Teu presente é uma lição
Figuras entre os primeiros

Do nosso esporte bretão

Corinthians grande
Sempre altaneiro
És do Brasil o clube mais brasileiro.[9]

O segundo hino oficial do Corinthians Paulista é comporto por quatro estrofes, sendo três tercetos com versos heterométricos e um quarteto com versos isométricos. Além disso, há uma grande variação quanto ao tipo de versos, e há paridade de estrutura de rimas entre a 1ª, a 2ª e a 4ª estrofes, bem como a presença de rima cruzada na 3ª estrofe, ou ainda a paridade de tipos de versos entre a 1ª e a 2ª estrofes. Há, portanto, uma rigidez menor com ralação a aspectos formais, se comparado com a letra do primeiro hino oficial do clube.

Com relação aos aspectos épicos, a cena narrativa apresenta variação da 1ª pessoa do plural enquanto índice pronominal – "Eternamente dentro dos nossos corações" – para a 2ª pessoa do singular – "Tu és o orgulho dos desportistas do Brasil" / "Teu passado é uma bandeira / Teu presente é uma lição / Figuras entre os primeiros / Do nosso esporte bretão"; "És do Brasil o clube mais brasileiro" –, ou ainda pela 3ª pessoa do singular – "Teu passado é uma bandeira / Teu presente é uma lição". Se a 1ª pessoa do plural enquanto índice pronominal marca o pertencimento à comunidade de torcedores do clube, a 2ª pessoa do singular estabelece uma instância dialógica entre torcida e clube, e a 3ª pessoa do singular permite a narrativa sobre o clube.

Por sua vez, é interessante notar que, com relação aos demais elementos épicos, há ausência de identidade simbólica, aspecto normalmente típico em letras de hinos de clubes de futebol. Entretanto, constata-se a presença de índice de espacialização no âmbito nacional – "És do Brasil o clube mais brasileiro" –, e de feitos heroicos e conquistas – "O campeão dos campeões" / "De tradições e glórias mil".

---

[9] Disponível em: http://hinodocorinthians.com/; acesso em: 25 Mar. 2012.

Além disso, em termos de elementos dramáticos, por um lado, constata-se a ausência na letra de índices de apelo à fidelidade e de emoção e, por outro, a afetividade se faz presente no verso "Eternamente dentro dos nossos corações", assim como o louvor no verso "Salve o Corinthians".

Portanto, no caso específico do Sport Club Corinthians Paulista, a mudança do primeiro para o segundo hino oficial parece ter sido provocada por questões meramente estéticas. Além disso, a letra do segundo hino, composto em 1952, parece resultar de uma junção de aspectos típicos dos hinos marciais (certa rigidez formal; ausência da instância de enunciação em 1ª pessoa do singular) com novos elementos de caráter popular (a marcação explícita de conquistas na letra do hino).

3.4. O Fluminense Football Club e seus três hinos

No futebol brasileiro, o Fluminense Football Club, fundado em 1902 na cidade do Rio de Janeiro, é um dos exemplos mais produtivos quando o assunto é hino de futebol. Desde sua fundação até os dias de hoje, o clube conheceu três hinos, sendo os dois primeiros oficiais e o terceiro, de caráter popular. O primeiro hino data de 1915, com letra de autoria do escritor Coelho Netto e música baseada na canção "It's a long, long way to Tipperary", de H. Williams:

O Fluminense é um crisol
Onde apuramos a energia
Ao pleno ar, ao claro sol
Lutando em justas de alegria
O nosso esforço se congraça
Em torno do ideal viril
De avigorar a nova raça
Do nosso Brasil!

Corrige o corpo como artista
Vida imprime à estátua augusta
Faz da argila uma robusta
Peça de aço onde a alma assista

Na arena como na vida
Do forte é sempre a vitória
Do estádio foi que a Grécia acometida
Irrompeu para a glória

Ninguém no clube se pertence
A glória aqui não é pessoal
Quem vence em campo é o Fluminense
Que é, como a Pátria, um ser ideal
Assim nas justas se congraça
Em torno dum ideal viril
A gente moça, a nova raça
Do nosso Brasil![10]

Nota-se, de antemão, uma estrutura formal rígida, comporta por três estrofes em oitavas, com versos parcialmente isométricos, e com predomínio de versos octossílabos. A versificação também apresenta variações, com rimas cruzadas na 1ª estrofe, rimas interpoladas e cruzadas na 2ª estrofe, e rimas cruzadas na 3ª estrofe. Portanto, a letra do hino "O Fluminense é um crisol" destaca-se por seus aspectos de caráter marcial, típicos de hinos de clubes de futebol das primeiras décadas do século XX.

Quanto aos aspectos épicos, o hino composto por Coelho Netto apresenta uma variação da instância de enunciação na cena narrativa, passado na 3ª pessoa do singular – "O Fluminense é um crisol" – para a 1ª pessoa do plural – "Onde apuramos a energia", ou seja, do clube como instância de ação para o pertencimento do sujeito da enunciação à coletividade de torcedores do clube.

Por sua vez, dos demais aspectos épicos, apenas a identidade simbólica não é marcada textualmente. A espacialização faz-se presente tanto no âmbito nacional (Brasil), quanto no espaço do mito e da tradição (Grécia antiga), ou mesmo local (arena, estádio). E as virtudes são amplamente enaltecidas: energia, combatividade, vigor, virilidade, força, alegria, mocidade, glória.

---

[10] Disponível em: http://www.fluminense.com.br/index.php?option=com content&view=article&id=83&Itemid=83; acesso em: 05 Ago. 2009.

Com relação aos aspectos dramáticos, constata-se apenas a presença de índices textuais de emoção – "Lutando em justas de alegria" –, enquanto a afetividade, o apelo à fidelidade e o louvor estão ausentes.

De acordo com Cláudia Mattos (1997, p. 54-56), a letra de Coelho Netto apresentava aspectos que refletiam certa postura elitista e racista quanto à sociedade brasileira da época. De origem nobre, um "clube de ingleses", a "nova raça" do Brasil, apregoada na letra, não se referia à miscigenação, mas sim às origens elitistas do clube, que não aceitava jogadores negros em suas fileiras, nas duas primeiras décadas do século XX. Sem dúvida, esse foi um fator que influenciou na decisão de se compor um novo hino oficial para o clube no início da década de 1920.

Portanto, provavelmente devido a questões de ordem estética e ideológica, foi criado em 1920 o segundo hino oficial do Fluminense Football Club, com letra e música de Antônio Cardozo Menezes Filho:

Companheiros de luta e de glória
Na peleja incruenta e de paz
Disputamos no campo a vitória
Do mais forte, mais destro e sagaz!

Nossas liças de atletas são mansas
Como as querem os tempos de agora
Ressuscitam heróicas lembranças
Dos olímpicos jogos de outrora

Não nos cega o furor da batalha
Nem nos fere o rival, se é mais forte!
Nossas bolas são nossa metralha
Um bom goal, nosso tiro de morte

Fluminense, avante, ao combate
Nosso nome cerquemos de glória
Já se ouve tocar a rebate
Disputemos no campo a vitória.

Adestra a força e doma o impulso
Triunfa, mas sem alardo

O herói é bravo mas galhardo
Tão forte d'alma que de pulso
A força esplende em saúde
E abre o peito à bondade
A força é a expressão viva da virtude
E garbo da mocidade[11]

Assim como o primeiro hino oficial, o segundo hino do Fluminense apresenta rigidez em sua forma, típica de hinos de caráter marcial, contendo cinco estrofes, sendo quatro quartetos com versos isométricos e uma oitava com versos parcialmente isométricos. Em termos métricos, o tipo de verso predominante é o eneassílabo, com algumas variações na 5ª estrofe. Já a versificação apresenta predomínio de rimas cruzadas (a-b-a-b etc.) na 1ª, 2ª, 3ª e 4ª estrofes, bem como nos versos 5 a 8 da 5ª estrofe, e com uma ocorrência de rimas interpoladas (h-i-i-h) nos versos 1 a 4 da 5ª estrofe.

Por sua vez, com relação aos aspectos épicos, a cena narrativa é composta a partir da instância de enunciação em 2ª pessoa do singular – "Fluminense, avante, ao combate" –, passando para a 1ª pessoa do plural – "Disputamos no campo a vitória" – e para a 3ª pessoa do plural enquanto índice pronominal – "Nossas liças de atletas são mansas". Portanto, não há enunciação em 1ª pessoa do singular, o que evidencia o caráter marcial desse hino, e o emprego da 2ª pessoa do singular, através da forma imperativa, destaca o clube enquanto instância de ação. Já a 1ª pessoa do plural constroi, discursivamente, o pertencimento à coletividade de torcedores do Fluminense, reforçado também pelo emprego da 3ª pessoa do plural como índice pronominal "nossos" / "nossas".

Ainda com relação aos aspectos épicos, por um lado, nota-se também a ausência de marcação textual de identidade simbólica, ausência essa característica dos hinos marciais das primeiras décadas do século XX. Por outro lado, há uma inflação de termos que constroem a imagem virtuosa do clube: companheirismo,

---

[11] Disponível em: http://www.fluminense.com.br/index.php?option=com content&view=article&id=83&Itemid=83; acesso em: 05 Ago. 2009.

luta, glória, força (4x), destreza, sagacidade, mansidão, heroísmo, bravura, galhardia, saúde, bondade, virtude, garbo. E a espacialização é marcada por termos associados ao campo enquanto praça de batalha e de guerra. Aliás, a metáfora "futebol e guerra" se faz presente no texto da letra com toda sua força. por exemplo, nos versos "Na peleja incruenta e de paz", "Não nos cega o furor da batalha", e "Nossas bolas são nossa metralha / Um bom goal, nosso tiro de morte".

Além disso, como não podia deixar de ser, aspectos dramáticos não foram explorados no texto desse hino, num exemplo típico de hinos de caráter marcial, em que predominam aspectos épicos e o sentido de virilidade e de combatividade – chegando às raias do belicismo – em detrimento da afetividade.

Cabe ressaltar ainda que o hino oficial do Fluminense, composto por Antonio Cardoso de Menezes Filho, assim como acontece com os primeiros hinos oficiais dos demais clubes do Rio de Janeiro, é pouco difundido entre a mídia e os torcedores.

Por fim, o terceiro hino do Fluminense Football Club, criado na década de 1940, com letra de Lamartine Babo e música de Lyrio Pannicalli, vai na contramão dos hinos anteriores, uma vez que rompe com a tradição marcial, assumindo um caráter eminentemente popular.

Antes de prosseguirmos com a análise do hino popular do Fluminense, necessitamos fazer um parêntese com relação a Lamartine Babo e seu papel como difusor de um determinado tipo de composição. Podemos afirmar com segurança que a transição dos chamados hinos marciais para os hinos populares no âmbito do futebol se consolidou em meados da década de 1940. Sem dúvida tal transição está associada a Lamartine Babo, famoso compositor de marchas de carnaval que compôs nada mais nada menos do que os hinos de 11 clubes do Rio: América, time de coração do compositor, Botafogo, Flamengo, Fluminense, Vasco da Gama, Bangu, todos considerados "grandes" na época, e dos times "pequenos" Madureira, Olaria, São Cristóvão, Bonsucesso e Canto do Rio (XAVIER, 2009, p. 52). Segundo consta, "Lalá", como era conhecido, foi desafiado pelo radialista Héber de Bôscoli, com quem compunha o "Trio de Osso" juntamente com Yara Sales no programa Trem da

Alegria, da Rádio Mayrink Veiga, a compor um hino por semana para cada clube do Rio de Janeiro, desafio esse plenamente cumprido pelo compositor (VALENÇA, 1981, p. 158). Aliás, Lamartine Babo faria escola também quanto ao estilo dos hinos de futebol, compostos como marchas-rancho ou "marchinhas", como também eram conhecidas, e estas se diferenciavam das marchas militares em sua cadência. De acordo com Paulo Jebaili, "[o] hino de futebol escolhe a marcha porque é a festa. E a festa é sublimação da dor. A marcha é uma das primeiras manifestações de pessoas que se reuniam em blocos na rua para cantar a vida de forma lúdica" (JEBAILI, 2006, p. 55).

Retomando a análise, a letra composta por Lamartine Babo é um dos mais belos hinos compostos para clubes do futebol brasileiro:

Sou tricolor de coração
Sou do clube tantas vezes campeão
Fascina pela sua disciplina
O Fluminense me domina
Eu tenho amor ao tricolor

Salve o querido pavilhão
Das três cores que traduzem tradição
A paz, a esperança e o vigor
Unido e forte pelo esporte
Eu sou é tricolor

Vence o Fluminense
Com o verde da esperança
Pois quem espera sempre alcança
Clube que orgulha o Brasil
Retumbante de glórias
E vitórias mil

Vence o Fluminense
Com o sangue do encarnado
Com calor e com vigor
Faz a torcida querida
Vibrar de emoção o tricampeão

Sou tricolor de coração
Sou do clube tantas vezes campeão
Fascina pela sua disciplina
O Fluminense me domina
Eu tenho amor ao tricolor

Salve o querido pavilhão
Das três cores que traduzem tradição
A paz, a esperança e o vigor
Unido e forte pelo esporte
Eu sou é tricolor

Vence o Fluminense
Usando a fidalguia
Branco é paz e harmonia
Brilha com o sol
Da manhã
Com a luz de um refletor
Salve o Tricolor [12]

Primeiramente, podemos constatar que, em termos formais, a letra apresenta variação, portanto, sem a mesma rigidez das letras dos primeiros hinos, e contém seis estrofes, sendo quatro quintilhas, uma sextilha e uma septilha. Os tipos de versos variam entre redondilha maior, octossílabo e decassílabo, e há paridade entre os versos 1 e 2 da 1ª, 2ª e 4ª estrofes quanto à rima.

Em segundo lugar, por se tratar de uma letra de caráter popular, os elementos épicos se fazem presentes com toda sua força, a começar pela cena narrativa, em que predomina a 1ª pessoa do singular, aspecto sempre ausente nos hinos marciais: "Sou tricolor de coração / Sou do clube tantas vezes campeão" / "Eu sou é tricolor". A 3ª pessoa do singular também assume papel de destaque na letra: "Fascina pela sua disciplina / O Fluminense me domina"; "Clube que orgulha o Brasil"; "Vence o Fluminense / Com o sangue do encarnado / Com calor e com vigor / Faz a torcida querida / Vibrar de emoção o tricampeão"; "Vence o Fluminense / Usando a fidalguia". Se a 1ª pessoa do singular enfatiza o fascínio do torcedor pelo clube,

[12] Disponível em: http://www.fluminense.com.br/index.php?option=com content&view=article&id=83&Itemid=83; acesso em: 05 Ago. 2009.

assegurando-lhe a sua individualidade, a 3ª pessoa do singular apresenta o clube como agente da ação.

Além disso, a letra inclui feitos heroicos e conquistas: "Retumbante de glórias / E vitórias mil" / "Faz a torcida querida / Vibrar de emoção o tricampeão", sendo que este último verso refere-se à conquista dos títulos de Campeão Carioca dos anos de 1917, 1918 e 1919. Já a espacialização, enquanto marca textual, refere-se ao âmbito nacional no verso "Clube que orgulha o Brasil", e a identidade simbólica é amplamente explorada, sobretudo com relação às cores do tricolor – verde, vermelho e branco: "Salve o querido pavilhão / Das três cores que traduzem tradição" / "Com o verde da esperança" / "Com o sangue encarnado" / "Branco é a paz e harmonia" / "Salve o tricolor"

Por sua vez, os aspectos dramáticos também são bem marcados na letra composta por Lamartine Babo. Por seu caráter popular, há espaço para a afetividade – "Sou tricolor de coração" / "Eu tenho amor ao tricolor" –, a emoção – "Fascina pela sua disciplina / O Fluminense me domina" / "Faz a torcida querida / Vibrar de emoção o tricampeão" –, o apelo à fidelidade – "Sou tricolor de coração"; "Eu sou é tricolor" – e o louvor – "Salve o querido pavilhão"; "Salve o tricolor".

Portanto, podemos afirmar que o hino popular composto por Lamartine Babo e executado nos momentos de festividade e de conquistas do Fluminense suplanta os hinos anteriores, pois vai na contramão de ideias de eugenia racial do primeiro hino, ou mesmo do tom belicista do segundo hino. Lamartine Babo, que nem era torcedor do Fluminense, mas sim torcedor fanático do América do Rio, teve a sensibilidade para compor um texto que muito nos diz com relação ao modo de cantar os feitos de um clube com alegria e, sobretudo, tolerância.

4. Dos hinos marciais aos populares: um estudo comparado

Iniciaremos nosso estudo comparado, partindo dos aspectos líricos. Dentre as letras analisadas, nenhuma possui forma marcada (rondó, rondel, soneto etc.).

Porém, as letras dos primeiros hinos oficiais do Benfica, do Porto, do Corinthians e do Fluminense, em geral, apresentam maior rigidez quanto à estrofação, à versificação e à estrutura das rimas. Isso não significa que nos segundos hinos oficiais os aspectos formais recebam menor atenção. O que ocorre é uma espécie de "abrandamento" dessa rigidez, e um dos aspectos que pode contribuir para isso é de ordem melódica, ao se passar do hino marcial para a marcha popular, aspecto esse, aliás, não contemplado no presente estudo, uma vez que nosso enfoque recai apenas sobre a letra da música.

Com relação aos aspectos épicos, especificamente na constituição da cena narrativa, constata-se um predomínio da 1ª pessoa do plural em praticamente todos os hinos analisados, com exceção do hino popular do Fluminense, em que esta está ausente. Isso se deve ao fato de a individualidade ser preterida em prol do sentimento de coletividade e de pertencimento ao grupo de torcedores de uma dada agremiação.

Ainda com relação à constituição da cena narrativa, constata-se o emprego da 1ª pessoa do singular no segundo hino oficial do Benfica e no hino popular do Fluminense. A 1ª pessoa do singular está ausente nos hinos do Corinthians, e nos hinos do Porto ocorre uma inversão: enquanto a 1ª pessoa do singular aparece no primeiro hino, ela está ausente no segundo hino.

Além disso, constata-se também que a 2ª pessoa do singular, em geral, utilizada para construir uma cena dialógica entre torcedor e clube, está presente nas letras que exploram mais o aspecto de idolatria, como é o caso dos hinos do Porto e, respectivamente, do Corinthians. E a 3ª pessoa do singular, empregada para enunciar sobre os feitos e virtudes do clube, está presente em praticamente todas as letras, com exceção da letra do segundo hino oficial do Fluminense.

De todos esses traços, diríamos que a passagem da 1ª pessoa do plural para a 1ª pessoa do singular é a marca mais significativa da transição do hino de caráter marcial para o hino popular, pois explicita a subjetividade do torcedor enquanto

indivíduo, dando margem a outros aspectos, anteriormente ausentes, como índices de afetividade, emoção e louvor.

Por sua vez, com relação aos índices de espacialização, constata-se a ausência de termos espaciais apenas no primeiro hino do Benfica, e as incidências dos demais derivam dos âmbitos local e nacional, não havendo nenhum caso de termo que aludisse ao âmbito internacional. Sem dúvida, isso tem a ver com o contexto em que tais hinos foram criados. Os mais recentes deles – do Porto e do Corinthians – são da década de 1950, época em que o futebol não conhecia um grau de internacionalização e globalização como nos nossos dias. Não é por acaso que, em vários cantos das torcidas nas arquibancadas, há alusão a triunfos recentes conquistados em nível mundial, num processo de atualização da imagem de determinado clube.

Com relação aos índices textuais que aludem a feitos heroicos e conquistas ou virtudes, constatamos que eles são recorrentes em todas as letras analisadas. A diferença, nesse caso, está no fato de que predominam as virtudes, sempre atemporais, enquanto os feitos heroicos e conquistas se fazem presentes em apenas dois dos hinos analisados, precisamente no segundo hino oficial do Corinthians e no hino popular do Fluminense. Nos hinos de clubes portugueses, não é comum a indicação de conquistas específicas, mesmo naqueles hinos que já não apresentam mais a mesma rigidez formal dos hinos marciais.

Já a identidade simbólica aparece tanto nos primeiros quanto nos segundos hinos do Benfica e do Porto, mas está ausente no segundo hino oficial do Corinthians e nos dois primeiros hinos do Fluminense. Em geral, a identidade simbólica é textualmente construída a partir de determinado tipo de expressão, como é o caso das cores do clube, do escudo, ou mesmo das designações e alcunhas.

Por fim, com relação aos aspectos dramáticos, constatamos que os hinos do Benfica e, respectivamente, do Porto apresentam termos que aludem à afetividade, embora não predomine a 1ª pessoa do singular, mas sim a 1ª pessoa do plural. Já os clubes brasileiros não apresentam marcações de afetividade nas letras de seus primeiros hinos de caráter marcial. Esta adquire destaque especial no hino do

Fluminense, eminentemente popular. Identifica-se, também, uma variação com relação ao apelo à fidelidade, que está ausente nos primeiros hinos do Benfica e do Porto, totalmente ausente nos hinos do Corinthians e nos dois primeiros hinos do Fluminense. E a emoção enquanto índice discursivo está presente nos hinos do Benfica e do Porto, mas totalmente ausentes nos hinos do Corinthians e no segundo hino do Fluminense. Já o louvor está ausente nos dois hinos do Benfica, no segundo hino do Porto, no primeiro hino do Corinthians e nos dois primeiros hinos do Fluminense. Portanto, afetividade e louvor são os aspectos dramáticos que se expressam através da mudança dos hinos marciais para os populares.

5. Considerações Finais

Constatamos que os hinos, enquanto parte do arsenal de símbolos de toda agremiação, contribuem para a construção da imagem do clube, mas também estão sujeitos a atualizações.

Tais atualizações podem ser de ordem política (Benfica), estética (Porto; Corinthians), ideológica (Fluminense) ou cultural (Fluminense). Embora nosso estudo não tenha enfocado o canto das torcidas entoado nos estádios, constata-se que, cada vez mais, tais cantos também são formas de atualização (p. ex., de feitos heroicos e conquistas) em relação aos textos dos hinos oficiais.

Nosso estudo revelou também que pode haver distinções de ordem cultural, pois os clubes portugueses não passaram por um fenômeno que emprestasse um caráter popular a seus hinos, como é o caso dos clubes brasileiros, num processo em que Lamartine Babo não só foi pioneiro, como também fez escola e influenciou a criação de novos hinos para clubes de todas as partes do país, tendo por fonte de inspiração as marchinhas de Carnaval. Se há, por assim dizer, um "abrandamento" da rigidez formal nos segundos hinos do Benfica e do Porto, ainda há em suas letras elementos comuns aos hinos marciais. Já no caso brasileiro, a letra do hino do

Corinthians apresenta um caráter popular menor do que o hino do Fluminense composto por Lamartine Babo.

Além disso, pensamos as tradições e os imaginários dos clubes como resultados de processos discursivos de construção a partir de contextos de emergência específicos, cujas marcas ficam registradas no próprio texto da letra de seus respectivos hinos. Seriam, pois, construções que estão na base das "comunidades imaginadas", como aponta Hans Ulrich Gumbrecht.

Por fim, ressaltamos que dificuldades se impõem em estudos dessa natureza, sobretudo com relação à falta de informações e de fontes confiáveis, através das quais possamos não só ter acesso às letras, como também obter maiores informações sobre autoria e contexto em que foram compostas. Mesmo os sites oficiais de clubes brasileiros e portugueses, muitas vezes, dão mais espaço para o marketing, relegando a história das agremiações ao segundo plano. Sendo assim, esperamos que estudos dessa natureza contribuam para resgatar a memória e a história desses clubes, bem como a história do futebol em Portugal e no Brasil.

6. Referências Bibliográficas

BILAC, Olavo; PASSOS, Guimaraens. *Tratado de versificação*. 6. ed., São Paulo; Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1930.

CORNELSEN, Elcio Loureiro. Hinos de futebol – aspectos épicos e dramáticos (entrevista concedida à Rede Minas). *Programa Meio de Campo*. Belo Horizonte, 2009.

COSTA, António da Silva. Do futebol a uma nova imagem do homem e da sociedade. In: LOVISARO, Martha; NEVES, Lecy Consuelo (org.). *Futebol e sociedade*: um olhar transdisciplinar. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2005, p. 9-11.

JEBAILI, Paulo. Para cantar de cor. *Língua Portuguesa*: Especial Futebol e Linguagem, Ano I, p. 55, abr. 2006, p. 55.

KAKRIDIS, J.; ANDRÓNIKUS, M. Atletismo na poesia e na arte. In: TSIRAKIS, Stylianos (org.). *Os jogos olímpicos na Grécia antiga*. Trad. de Luiz Alberto Machado Cabral, São Paulo: Odysseus, 2004, p. 159-171.

MATTOS, Cláudia. Fluminense e a origem nobre. In: MATTOS, Claúdia. *Cem anos de paixão*: uma mitologia carioca no futebol. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, p. 45-61.

ROSENFELD, Anatol. O futebol no Brasil. In: ROSENFELD, Anatol. *Negro, macumba e futebol*. org. Jacó Guinsburg, São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 73-106. (Debates; v. 258)

ROSENFELD, Anatol. *O teatro épico*. São Paulo: Desa, 1965. (Buritis; 5)

VALENÇA, Suetônio Soares. *Tra-la-lá*. Rio de Janeiro: Funarte, 1981.

XAVIER, Beto. *Futebol no país da música*. São Paulo: Panda Books, 2009.

7. Sites consultados

Hinos do Fluminense Football Club. Disponível em: http://www.fluminense.com.br/index.php?option=com content&view=article&id=83&Itemid=83; acesso em: 05 Ago. 2009.

Hinos do Futebol Clube do Porto. Disponível em: http://www.primeiraliga.com/pl/archive/index.php?t-5638.html; acesso: 20 de novembro de 2011.

Hinos do Sport Club Corinthians Paulista. Disponível em: http://hinodocorinthians.com/; acesso em: 25 Mar. 2012.

Hinos do Sport Lisboa e Benfica. Disponível em: http://universobenfiquista.blogspot.com/2010/03/o-hino-do-benfica-censurado-pelo-regime.html; acesso em: 20 de novembro de 2011.

História da censura do primeiro hino oficial do Sport Club Lisboa e Benfica. Disponível em: http://universobenfiquista.blogspot.com/2010/03/o-hino-do-benfica-censurado-pelo-regime.html; acesso em: 20 de novembro de 2011.